

PSICOLOGIA EM FOCO:

entre Ciência e Experiência

M. Graça Pereira
(Organizadora)



EDITORA
ARTEMIS
2025

PSICOLOGIA EM FOCO:

entre Ciência e Experiência

M. Graça Pereira
(Organizadora)



EDITORA
ARTEMIS
2025



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadora	Prof. ^a Dr. ^a M. Graça Pereira
Imagem da Capa	rishad1977/123RF
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Dr. Cristo Ernesto Yáñez León – New Jersey Institute of Technology, Newark, NJ, Estados Unidos
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México

Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof.^a Dr.^a Galina Gumovskaya – Higher School of Economics, Moscow, Russia
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juárez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.^a Dr.^a Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.^a Dr.^a Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal
Prof.^a Dr.^a Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.^a Dr.^a Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.^a Dr.^a María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.^a Dr.^a Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*

Prof.^ª Dr.^ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª M^ªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof.^ª Dr.^ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba*
Prof.^ª Dr.^ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, Universidad del País Vasco, Espanha
Prof.^ª Dr.^ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.^ª Dr.^ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
Prof.^ª Dr.^ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.^ª Dr.^ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*
Prof.^ª Dr.^ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha
Prof.^ª Dr.^ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 Psicologia em foco [livro eletrônico] : entre ciência e experiência / organização Maria da Graça Pereira. – 1. ed. – Curitiba, PR: Editora Artemis, 2025.
il. color.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilíngue

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81701-62-8

DOI 10.37572/EdArt_150925628

1. Psicologia. 2. Saúde mental. 3. Inclusão social. 4. Desenvolvimento humano. 5. Psicologia aplicada. I. Pereira, Maria da Graça. II. Título.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

A obra *Psicologia em Foco: entre Ciência e Experiência* reúne contribuições de diferentes pesquisadores de diferentes países e contextos socioculturais, unidos pelo objetivo de refletir criticamente sobre os múltiplos campos de atuação da psicologia. Ao articular teoria, prática e pesquisa, os capítulos que compõem este volume oferecem um panorama diverso e atual das tensões, desafios e possibilidades que marcam a experiência humana em seus mais variados âmbitos.

A diversidade temática e geográfica desta coletânea é uma de suas principais riquezas. Os textos transitam por questões ligadas ao trabalho, à saúde mental, à inclusão, à família, à sexualidade e ao desenvolvimento infantil, articulando perspectivas locais e globais, sempre ancoradas na realidade concreta das comunidades investigadas.

O livro está organizado em quatro eixos, que refletem as afinidades temáticas entre os trabalhos:

Inclusão, Bem-estar e Saúde Mental Nesta seção, o leitor encontrará reflexões que transitam entre distintos eixos de análise e intervenção. O debate inicia-se com a perspectiva de inclusão e direitos trabalhistas de pessoas com deficiência intelectual e/ou cognitiva e avança para a apresentação de modelos inovadores de aconselhamento psicológico voltados ao fortalecimento do bem-estar e da resiliência em estudantes universitários. Segue-se uma análise aprofundada dos riscos psicossociais e sua relação com a morbidade psicológica, estilo de vida e burnout no ensino superior ao nível dos docentes e pesquisadores. Posteriormente, é apresentada uma discussão qualitativa aprofundada sobre a experiência do envelhecimento entre acadêmicos. Por fim, os avanços da farmacogenômica em psiquiatria infantojuvenil abrem horizontes promissores de personalização terapêutica e inovação tecnológica.

Família, Gênero e Sexualidade Este eixo trata das experiências de mulheres durante a pandemia de COVID-19, evidenciando sobrecarga, saúde mental e violência doméstica, e também explora a iniciação sexual de adolescentes e jovens, problematizando os fatores sociais e culturais envolvidos nos comportamentos sexuais e eróticos.

Psicologia, Trabalho e Subjetividade Os capítulos desta parte abordam, sob a ótica da psicodinâmica do trabalho e da psicologia organizacional, as vivências de prazer e sofrimento em profissões como a arbitragem esportiva e o jornalismo, além de discutir a gestão da diversidade em contextos organizacionais no Equador. Estes estudos permitem compreender como reconhecimento, desvalorização e estratégias de defesa influenciam a saúde psíquica e a identidade profissional.

Educação, Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil Por fim, esta seção reúne investigações que focalizam o processo de aprendizagem em seus primeiros estágios:

dificuldades na compreensão do conceito de número, o desenvolvimento das noções cardinais em crianças pequenas e a percepção de adolescentes sobre a educação sexual integral. Os capítulos apontam para a importância de metodologias contextualizadas e de políticas educacionais sensíveis às necessidades de cada etapa do desenvolvimento.

Ao longo de 13 capítulos, este livro revela que a psicologia, para além de suas fronteiras disciplinares, é chamada a dialogar com realidades concretas, demandas sociais e transformações tecnológicas. A combinação entre ciência e experiência, presente em cada contribuição, reforça a relevância de pesquisas que não apenas descrevem fenômenos, mas também iluminam caminhos de intervenção e mudança.

Esperamos que esta obra inspire novos debates, pesquisas e práticas, fortalecendo o compromisso da psicologia com a ética e a dignidade humana, a diversidade e a construção de sociedades mais justas e inclusivas.

Desejo a todos uma frutífera leitura!

M. Graça Pereira

Universidade do Minho, Portugal

SUMÁRIO

INCLUSÃO, BEM-ESTAR E SAÚDE MENTAL

CAPÍTULO 1..... 1

LAS PERSONAS CON DISCAPACIDAD INTELECTUAL Y/O COGNITIVA: INCLUSIÓN Y DERECHO LABORAL

Fátima Elizabeth Villalba

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256281

CAPÍTULO 2..... 10

COUNSELLING AND PSYCHOLOGICAL SERVICES AS A MODEL FOR ENHANCING AND IMPROVING UNIVERSITY STUDENTS' WELL-BEING AND RESILIENCE

Fatime Ziberi

Zlatinka Kostadinova Georgieva

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256282

CAPÍTULO 3.....25

RISCOS PSICOSSOCIAIS, MORBILIDADE PSICOLÓGICA, ESTILO DE VIDA E BURNOUT NO ENSINO SUPERIOR

Daniele Carvalho

M. Graça Pereira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256283

CAPÍTULO 4..... 45

EXPERIENCIAS DE ACADÉMICOS SOBRE EL PROCESO DE ENVEJECIMIENTO

Felipe Roboam Vázquez Palacios

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256284

CAPÍTULO 5.....55

FARMACOGENÓMICA EN PSIQUIATRÍA INFANTOJUVENIL: DE LA PREDICCIÓN A LA PREVENCIÓN Y EL TRATAMIENTO PERSONALIZADO

María Suárez Gómez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256285

FAMILIA, GÉNERO E SEXUALIDADE

CAPÍTULO 6..... 58

MATERNIDAD CONFINADA: TRABAJO, SALUD Y VIOLENCIA DOMÉSTICA DURANTE LA PANDEMIA EN MÉXICO

Rocío Fuentes Valdivieso

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256286

CAPÍTULO 7..... 69

MI PRIMERA VEZ: EDADE DE INICIO DE COMPORTAMIENTOS SEXO/ERÓTICOS

Sinuhé Estrada Carmona

Gabriela Isabel Pérez Aranda

Liliana García Reyes

Miguel Ángel Tuz Sierra

Eric Alejandro Catzin López

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256287

PSICOLOGIA, TRABALHO E SUBJETIVIDADE

CAPÍTULO 8..... 80

ARTICULACIÓN DE LA GESTIÓN DE LA DIVERSIDAD Y LA PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL: CASO DE ECUADOR PAÍS MULTIETNICO Y PLURICULTURAL

Bryan Mauricio Pacheco Añasco

Karina Silva-Jaramillo

Katia Naranjo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256288

CAPÍTULO 9..... 98

ENTRE EL PLACER Y EL MALESTAR: VIVENCIAS LABORALES DE ÁRBITROS EN UNA CORPORACIÓN SOCIAL Y FORMATIVA DE MEDELLÍN

Anderson Gañán Moreno

Santiago Alejandro Ochoa Duque

Johnatan Julián Correa Pérez

Jonathan Betancur Espinosa

Geraldine Betancur Espinosa

Angela María Urrea Cuellar

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256289

CAPÍTULO 10..... 120
VIVENCIAS DE PLACER Y SUFRIMIENTO EN EL TRABAJO DE UN GRUPO DE PERIODISTAS DE LA CIUDAD DE MEDELLÍN

Anderson Gañán Moreno

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15092562810

EDUCAÇÃO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

CAPÍTULO 11..... 151
DIFICULTADES EN EL APRENDIZAJE DEL CONCEPTO DE NÚMERO EN ESTUDIANTES DE PRIMER GRADO DE PRIMARIA EN EL DISTRITO DE EL TAMBO, HUANCAYO

Edith Toña Vila Herrera

Marco Antonio Bazalar Hoces

Genaro Moreno Espíritu

Walter Mayhua Matamoros

Ronald Condori Crisóstomo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15092562811

CAPÍTULO 12165
THE DEVELOPMENT AND ASSESSMENT OF EARLY CARDINAL-NUMBER CONCEPTS

Arthur J. Baroody

Kelly S. Mix

Gamze Kartal

Meng-lung Lai

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15092562812

CAPÍTULO 13..... 186
LA PERCEPCION DE ADOLESCENTES SOBRE LA ENSEÑANZA RECIBIDA EN EDUCACION SEXUAL INTEGRAL

Fabio Gabriel Salas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15092562813

SOBRE A ORGANIZADORA..... 196

ÍNDICE REMISSIVO197

CAPÍTULO 10

VIVENCIAS DE PLACER Y SUFRIMIENTO EN EL TRABAJO DE UN GRUPO DE PERIODISTAS DE LA CIUDAD DE MEDELLÍN

Data de submissão: 15/08/2025

Data de aceite: 29/08/2025

Anderson Gañán Moreno

Politécnico Grancolombiano

Bogotá, Colombia

<https://orcid.org/0000-0001-5890-2187>

RESUMEN: El presente trabajo tuvo como propósito describir las experiencias de placer y sufrimiento en el trabajo de un grupo de periodistas de la ciudad de Medellín, a partir de la perspectiva de la psicodinámica del trabajo planteada por Christopher Dejours, que incluye los conceptos de estrategias de defensa, causas y síntomas de placer y sufrimiento. Además, se precisó la profesión del periodista y las vicisitudes que tienen en su trabajo a nivel económico, político y social. Fue una investigación cualitativa con modalidad transversal, basada en entrevistas semiestructuradas analizadas bajo la técnica de análisis de contenido a seis periodistas de la ciudad de Medellín. Los datos obtenidos permitieron comprender que las experiencias de placer y sufrimiento se estructuran a partir de la posibilidad de forjar congruencia entre los intereses y la organización del trabajo del periodista, puesto que sufren a causa de factores internos, como la sobrecarga en el

trabajo, la inmediatez y la desestimación, lo que conlleva en la creación de síntomas de placer y sufrimiento, que pueden ser la satisfacción por la pasión por el periodismo y la necesidad de trascender socialmente, por el contrario, puede conllevar a dolores en el cuerpo, ante eso el periodista se defiende con encuentros con colegas o amigos y evitando ver noticieros y periódicos, entre otros.

PALABRAS CLAVE: placer; sufrimiento; trabajo; periodistas; psicodinámica del trabajo.

EXPERIENCES OF PLEASURE AND SUFFERING IN THE WORK OF A GROUP OF JOURNALISTS IN THE CITY OF MEDELLÍN

ABSTRACT: The purpose of this study was to describe the experiences of pleasure and suffering in the work of a group of journalists in the city of Medellín, based on the psychodynamics of work approach developed by Christopher Dejours, which includes the concepts of defense strategies, causes, and symptoms of pleasure and suffering. In addition, the profession of journalism and the challenges journalists face in their work at economic, political, and social levels were examined. This was a qualitative, cross-sectional study, based on semi-structured interviews analyzed using content analysis techniques, involving six journalists from the city of Medellín. The data obtained revealed that experiences of pleasure and suffering are shaped by the degree to which journalists are

able to align their personal interests with the organization of their work. They experience suffering due to internal factors such as work overload, time pressure, and lack of recognition. These elements give rise to both pleasurable and distressing symptoms – pleasure arising from their passion for journalism and a desire to make a social impact, and suffering manifesting in physical pain. As a form of defense, journalists often seek out interactions with colleagues or friends and avoid watching news programs or reading newspapers, among other strategies.

KEYWORDS: pleasure; suffering; work; journalists; work psychodynamics.

1. INTRODUCCIÓN

El propósito general del presente trabajo es describir las vivencias de placer y sufrimiento en el trabajo de un grupo de periodistas de la ciudad de Medellín, esto incluye las causas y síntomas de placer y sufrimiento y las estrategias de defensa utilizadas por los periodistas para reducir el sufrimiento causado por el trabajo. Esto se justifica porque el periodismo según Segura (2013) es un trabajo con dificultades por la sensibilidad e importancia de la información manejada y sustentada, tanto que pueden llegar a causar problemas políticos, sociales, económicos y morales, lo anterior comúnmente genera placer cuando se logra informar correcta y satisfactoriamente, y sufrimiento cuando generan problemas en la sociedad. Así mismo, los periodistas tienen vicisitudes, en las que Castellanos (2016) y Sierra (2018), mencionan las políticas, económicas y mercantiles. Cuando habla de las políticas Castellanos (2016), se refiere positivamente a los casos de apoyos políticos para la participación de los periodistas en eventos mundiales, como lo pueden ser congresos, encuentros deportivos importantes para la cultura mundial y también reuniones de diferentes organismos internacionales; pero, también Sierra (2018), indica que los periodistas presentan vicisitudes políticas negativas, en cuanto son censurados por presentar información sensible para la comunidad. En el caso de las económicas sugiere Castellanos (2016), que en Colombia presentan grandes dificultades por la mala remuneración y por la dificultad que se muestra al momento de la búsqueda de empleo, pues ahora las organizaciones prefieren contratar profesionales graduados en comunicación social que directamente periodistas.

El placer es planteado por Beck (2011), como aquella existencia de correspondencia entre el trabajador y el trabajo. Una de las formas de obtener placer en el trabajo es cuando las exigencias del trabajo corresponden a las necesidades del trabajo, siendo posible que el sujeto exprese su subjetividad y pueda organizar sus actividades de acuerdo con sus deseos, intereses y a su ritmo. Pero, el trabajo también puede producir sufrimiento, este planteado por Dejours (2010), como aquella disputa entre el aparato psíquico y la presión del trabajo precarizado y desestabilizado,

esto con el fin de buscar un equilibrio entre los criterios pactados por la sociedad y la naturalización por parte del sujeto del comportamiento conformista del trabajo.

El placer y sufrimiento puede crear síntomas en el sujeto, este ha sido definido por Melendez (2017), como ciertas señales que se observan en el organismo del sujeto, en respuesta a un malestar, ya sea según Orejuela (2018) de orden biológico, es decir ámbitos que interfieren en el entorno del trabajo, como las estructuras, el lugar de trabajo e incluso el propio maltrato laboral, en este caso se presentan síntomas físicos comunes, por ejemplo, la gripa y el colon irritable, pero, se presentan casos más graves como la muerte o el suicidio en el trabajo.

También, hay malestares de orden psicosocial, en el que se recogen los factores como las actitudes, presiones, prácticas, valores de la empresa, cultura del trabajo y las relaciones entre los diferentes actores de la compañía, en este ámbito se generan riesgos por la mala organización del trabajo (presiones, poca flexibilidad, intensificación, entre otros), como también por la cultura institucional y el temor de la pérdida del empleo por situaciones internas al trabajo como tal. Todos estos elementos afectan en menor o mayor medida la seguridad y salud física y mental de los trabajadores. (Orejuela, 2018)

En el trabajo en general se pueden observar derivados del sufrimiento según Orejuela y Melo (2014) el miedo, la insatisfacción, la inseguridad, el alejamiento, la angustia, la culpa, la rabia, entre otros. Y derivados del placer se presentan comúnmente la autorrealización, la libertad, la identificación y el reconocimiento.

Para disminuir el sufrimiento, los sujetos utilizan estrategias de defensa que según Franceschi y Souto (2016), son aquellas defensas psíquicas del sujeto expresadas algunas veces a lo físico contra los efectos patológicos del sufrimiento, suelen ser utilizadas comúnmente en el trabajo precarizado: la evitación y rendición al trabajo, que se ejemplifica con la renuncia a la actividad laboral, o la negación, en el que los sujetos indican que en su trabajo no existen formas de sufrimiento.

De acuerdo con lo mencionado con anterioridad, se consideró importante investigar sobre el placer y sufrimiento en el trabajo de periodistas, debido a que los antecedentes indican que en Colombia la investigación en clínicas del trabajo es reducida a ciertas ciudades, en especial Medellín, en donde se encuentra el Semillero de investigación en clínica del trabajo y de las organizaciones, el cual es coordinado por los autores del presente trabajo. Además, porque el trabajo del periodista no ha sido investigado en profundidad por los diversos autores conocidos a nivel internacional en clínicas del trabajo.

1.1. EL PLACER Y SUFRIMIENTO EN EL TRABAJO

Para Dejours (1992), el trabajo es un elemento integrador, visto como una virtud que es constructivo para los individuos y puede generar placer, como también puede ser ejecutado de manera inefectiva, insatisfactoria y precaria y le genera al individuo sufrimiento que conlleva a la creación de síntomas. El trabajo es una fuente de placer y sufrimiento presentado de manera específica según las condiciones en las que es realizado.

El trabajo desde el punto de vista de Dejours y Gernet (2012), es subjetivo en cuanto se relaciona con el sujeto mismo, e intersubjetivo porque permite al sujeto relacionarse y proyectarse en el mundo del trabajo.

Aun así, trabajar puede llevar a sufrir. Según Dejours el sufrimiento en el trabajo:

Es una lucha entre el funcionamiento psíquico y los mecanismos de defensa contra las presiones organizacionales que se encuentran desestabilizadas, buscando de esta manera un equilibrio que mantenga un cierto conformismo aparente de comportamiento y que de alguna forma satisfaga a los criterios sociales considerados entre la normalidad. (como se citó en Franceschi y Souto; 2016, p. 36)

Pero el trabajo no solo es una forma de generar sufrimiento, sino también placer. El placer ha sido planteado por Beck (2010), como la existencia de una relación favorable del trabajador con la organización. Para que se dé la existencia de placer es necesario que las exigencias correspondan a las necesidades de los trabajadores, o que estos puedan expresar sus opiniones modificando su organización de acuerdo con sus deseos y participación en la decisión de su ritmo de trabajo.

Respecto a la definición de sufrimiento y su relación con los sujetos que se encuentran en el trabajo, surge el concepto de *psicopatología del trabajo* que luego evolucionó, a partir de diversos avances en la teoría, a una *psicodinámica del trabajo*.

Gernet y Dejours (2012), plantean que la psicopatología del trabajo se refiere a las problemáticas intersubjetivas que se ponen en juego en el trabajo y en las tareas específicas que se desempeñan en este día a día. Desde la psicopatología del trabajo, Dejours (2010), encuentra patologías que provienen del exceso de trabajo, el acoso o el mobbing; que Beck (2010), plantea que pueden transformarse en síndromes, como el de Burnout¹, o en casos extremo al Karoshi².

Por otro lado, la psicodinámica del trabajo se entiende según Dessors y Mollinier (1998), como “el análisis dinámico de los procesos psíquicos movilizados por la confrontación del sujeto con la realidad del trabajo” (Dessors y Mollinier, 1998, pp. 11-

¹ El burnout es un síndrome que surge a partir del estrés laboral prolongado o porque las demandas laborales exceden las capacidades cognitivas y físicas del trabajador. Sus principales síntomas son fatiga y desgaste mental.

² El Karoshi es la muerte principalmente por derrames cerebrales o paros cardíacos provenientes del exceso e intensificación de trabajo.

12). Desde esta perspectiva, el sujeto es aquel que porta temores, esperanzas, deseos, principios, amores, etc.

Según Dejours, Abdoucheli y Jayet (1994), la psicodinámica del trabajo busca el reconocimiento de las maneras de organización del trabajo y su relación con el malestar, el sufrimiento y el placer y la forma como se pueden manifestar en diferentes síntomas físicos y psíquicos. Por lo tanto, en el trabajo es posible realizar análisis psicodinámicos, es decir, diversos estudios de semblantes psicológicos y afectivos que se generan por aspectos del trabajo subjetivo o intersubjetivo.

Además, Dejours (1992), plantea que la psicodinámica del trabajo es aquella que reconoce los recursos subjetivos necesarios para conservar la salud y el equilibrio mental del trabajador frente a diversas condiciones que afectan el aparato psíquico. La psicodinámica del trabajo trata de identificar y analizar el uso de las estrategias de defensa individuales o colectivas, usadas para reducir el sufrimiento en el trabajo.

1.2. CAUSAS Y SÍNTOMAS DEL PLACER Y SUFRIMIENTO EN EL TRABAJO

El placer y sufrimiento según Antloga, Mendes y Maia (2012), son causados por la relación entre sujeto-contexto-trabajo, esto incluyendo la subjetividad del trabajador cuando desea y explora, donde se ve enfrentado directamente con el principio de realidad que ha sido impuesto con anterioridad por las condiciones del trabajo. Por otro lado, Durando (2019), plantea que el deseo no sólo ha sido observado en la vida laboral del trabajador, sino también en su vida privada, esto quiere decir que las causas del placer y sufrimiento pueden ser exógenas y endógenas al trabajo y dependerán exclusivamente de la subjetividad del trabajador.

Del mismo modo, el placer y sufrimiento en el trabajo presenta síntomas. El síntoma ha sido definido por Meléndez (2017), como: “una señal que aparece en el organismo en respuesta a un malestar ya sea de orden biológico, psicosocial u organizacional”. (p. 18). Es decir, la manera subjetiva en la que un individuo genera enfermedades psíquicas o físicas debido a sus percepciones y simbolizaciones realizadas a partir de las experiencias de vida, pero también en algunos casos generadas por lo no simbolizado y verbalizado por el sujeto.

Existen diversos síntomas obtenidos del sufrimiento en el trabajo planteados por Dejours (2009), siendo uno de ellos el mal trabajo definido como el incumplimiento de objetivos propuestos en el trabajo de manera intencional, con el fin de impedir el avance propio o de sus colegas, lo que genera angustia en otros trabajadores. Pero, puede suceder en el ámbito de una organización, que el sujeto sea forzado a trabajar mal por

parte de sus colegas con el fin de que pierda credibilidad, confianza por parte de los altos directivos y que sea despedido o aislado socialmente.

Los más comunes síntomas provenientes del sufrimiento vistos en los trabajadores según Melo y Orejuela (2014), son:

el miedo, la insatisfacción, la inseguridad, el alejamiento, la desorientación, la impotencia frente a las incertezas, la vulnerabilidad, la frustración, la inquietud, la angustia, la depresión, la tristeza, el desgaste físico y emocional, la desvalorización, la culpa, la rabia o tensión dentro del contexto laboral. (pp. 385-386)

Ahora bien, según Durando (2019), también existen síntomas provenientes del placer en el trabajo, estos se basan en la autorrealización, la libertad de elección del sujeto, y la identificación y reconocimiento obtenidos en su actividad laboral.

Según Melo y Orejuela (2014), es necesario considerar que el placer en el trabajo no es permanente, pues el sufrimiento es inherente, pero sí transformable en aprendizaje y creatividad, para que así no se convierta en patología psíquica o física.

1.3. LAS ESTRATEGIAS DE DEFENSA

Los trabajadores desarrollan diversas estrategias colectivas de defensa con el fin de obtener placer y eliminar el sufrimiento. Estas estrategias han sido planteadas por Dejours como aquellas defensas activas contra los efectos patológicos del sufrimiento. Son utilizadas “para minimizar o evitar el sufrimiento resultante del trabajo” (citado por Franceschi y Souto, 2016, p. 47).

Según Meléndez (2017), las estrategias de defensa en el trabajo cumplen la misión de regular las cargas de energía por medio de la disminución de tensión psíquica para proteger el equilibrio y evitar cualquier trastorno o perturbación provocada por una excitación emocional excesiva. Además, considera que las estrategias de defensa son “las formas inconscientes que tiene el ser humano para que las circunstancias de frustración y conflicto prevalezcan reprimidas, reduciendo de este modo la ansiedad y la agresividad que se pueda producir en el sujeto” (Meléndez, 2017, p. 19).

Según Zabala, Guerrero y Besoain (2016), cada sujeto es capaz de construir diferentes estrategias de defensa, con el fin de lidiar con el sufrimiento que deriva el trabajo, en especial el precarizado y fragmentado.

1.4. EL PERIODISMO: TRABAJO Y VICISITUDES

El periodismo es para Enguix (2008), una ciencia y actividad profesional que consiste en la captación y tratamiento periódico de la información en cualquiera de sus

formas y variedades, además la plantea como una parte fundamental para conocer los sucesos del mundo y luego poder transmitirlo de manera adecuada a la comunidad.

Segura (2013), plantea que el trabajo de los periodistas es difícil de ejercer, puesto que, cuentan con información tan importante y sensible (como tragedias, historias personales, decisiones importantes, entre otros), que deben saber informarla para no causar problemas sociales, económicos o morales. Al contar con este tipo de información obtienen dificultades, como sugiere Lechuga (2016), cuando indica que uno de los grandes problemas que enfrenta el periodista en la actualidad es su precaria situación laboral y profesional, tanto que, no logran obtener las condiciones mínimas que garanticen el desarrollo de su labor profesional. De lo anterior considera Enguix (2008), que la precariedad laboral y la mala retribución genera que los periodistas tengan grandes retos, que deben afrontarlos con unión y autocrítica, ya que tienen en sus manos una de las profesiones más importantes para la sociedad.

Un segundo problema planteado por Lechuga (2016), es que hay ciertos intrusismos que hacen que cualquier persona pueda ejercer el periodismo sin ni siquiera tener estudios profesionales sobre ciencias de la información. Esto ha generado preocupación entre el gremio periodista, ya que no sólo los afecta económicamente por la falta de empleabilidad, sino también socialmente, por los diferentes errores que puedan cometer los pseudoperiodistas a nombre de la profesión.

Así mismo, Rodríguez y Salazar (2016), sugieren que el periodismo no cuenta con una independencia política y económica, ya que en varias ocasiones se censuran sus resultados por informar casos de gran importancia a la comunidad general, como las noticias de corrupción o tragedias, porque son poco funcionales para una minoría con poder político o económico. Los periodistas entonces son víctimas de amenazas, asesinatos, secuestros y de despidos de su lugar de empleo, lo que genera sufrimiento subjetivo por su miedo a ser víctima de la minoría o a perder la confianza de sus espectadores.

1.5. VICISITUDES EN EL TRABAJO DE PERIODISTAS

El concepto de vicisitudes ha sido definido por Lozano y Gaitán (2016), como aquellos hechos y sucesos que generan diferentes consecuencias que pueden ser positivas o negativas a lo largo del tiempo; Pérez (2011), plantea que las vicisitudes son aquellas acciones entendidas como el destino.

Los periodistas como cualquier otra profesión presentan vicisitudes. Según Castellanos (2016) y Sierra (2018), los periodistas colombianos a lo largo de su profesión han presentado las siguientes:

- Políticas, en este caso Castellanos (2016) y Sierra (2018), sugieren que los periodistas han presentado varias vicisitudes políticas, entre estas algunas negativas y positivas. Positivas, en cuanto los periodistas han sido apoyados por los políticos para transmitir ciertos programas que puedan ser beneficiosos tanto para la población, como para los políticos; entre estos se ejemplifican las diversas reuniones de los organismos internacionales, los reinados de belleza, los mundiales de fútbol, entre otros. Pero así, mismo tiene su lado negativo, cuando por medio de grupos al margen de la ley han sido asesinados y censurados por denunciar públicamente a algunos políticos que no realizan de manera adecuada su trabajo; también han sido despedidos de sus organizaciones cuando critican abiertamente a ciertas personas con poder, demostrándose que la libertad de expresión y la ética del periodista no puede ser aplicada a cabalidad.
- Económicas, los periodistas presentan dificultades y problemas a nivel económico en cuanto la oferta laboral no tiene mucha demanda, ya que las organizaciones según Salazar (2018), prefieren a profesionales en comunicación social, con el argumento, de que tienen más capacidades y formación que los periodistas, y que además cobran lo mismo.

Las vicisitudes de los periodistas según Castellanos (2016), son muy generalizadas y han ocurrido casi desde el principio de la profesión, lo que les ha generado malestar y sufrimiento al ver que la academia, el estado y los medios no buscan una manera de mejorar las condiciones de trabajo de los periodistas.

2. MÉTODO

De acuerdo con el propósito general del presente trabajo, se puede caracterizar como un *estudio descriptivo*. En relación con el tiempo, la investigación es *transversal*, pues se hace la toma de datos en un tiempo estipulado. Además, este estudio se considera como un estudio *cualitativo*, en el que se utilizará la técnica de análisis de contenido, a partir de los datos obtenidos de las entrevistas. El diseño correspondiente de esta investigación puede caracterizarse como un *estudio de caso*, en tanto se pretende conocer en profundidad el placer y sufrimiento en el trabajo de los periodistas de la ciudad de Medellín.

Los sujetos que participaron en la investigación son seis profesionales en periodismo de la ciudad de Medellín. Esta muestra de profesionales se obtuvo a través de la técnica de *bola de nieve*, en el que, por medio de los sujetos entrevistados, se les solicitó

información sobre allegados a ellos que cumplieran con los criterios de la investigación. En la muestra no se consideró el sexo, ni la edad, pero sí se tuvo en cuenta que el nivel ocupacional sea profesional, además los participantes deberán tener al menos una antigüedad de tres años en el trabajo como periodista.

Para efectos de recolección de la información se construyó y se aplicó una entrevista semiestructurada, que permite el intercambio de información entre el investigador y el sujeto participante, teniendo en cuenta su medio principal que son las palabras, se tuvo en cuenta una guía de preguntas prescritas con base en las categorías de análisis: causas del placer y sufrimiento; experiencias de placer y sufrimiento; síntomas del placer y sufrimiento y las estrategias de defensa utilizadas por los periodistas para obtener reducir el sufrimiento en su trabajo.

3. RESULTADOS

Se darán a conocer los resultados obtenidos del análisis de las entrevistas realizadas a seis periodistas de la ciudad de Medellín, tenidos en cuenta para la presente investigación. Los sujetos participantes fueron cuatro mujeres y dos hombres, con edades aproximadas entre 25 y 40 años, y con antigüedad en el cargo como periodistas de mínimo tres años. Cabe mencionar que los participantes han sido comúnmente egresados de universidades públicas, ya que expresan que existen muy pocas facultades de periodismo en la educación privada, y que cuando existen son partes o énfasis de la comunicación social, pero que aun así permiten que puedan ejercer y tener el cargo de periodistas.

La estructura de los resultados se dará a partir de las siguientes categorías de rastreo: las causas, vivencias, síntomas y estrategias de defensas utilizadas en el trabajo de periodistas.

Tabla 1. Caracterización de los participantes.

Sujetos	Edad	Sexo	Cargo	Antigüedad en el cargo	Nivel educativo	Lugar de estudios
Sujeto 1	40	F	Periodista	4 años	Pregrado	Universidad de Antioquia
Sujeto 2	33	F	Periodista	5 años	Pregrado	Universidad de Antioquia
Sujeto 3	30	M	Periodista	10 años	Pregrado	Universidad de Antioquia
Sujeto 4	27	F	Periodista	3 años	Pregrado	Universidad de Antioquia
Sujeto 5	26	F	Periodista	4 años	Pregrado	Universidad EAFIT
Sujeto 6	30	M	Periodista	4 años	Pregrado	Universidad Pontificia Bolivariana

3.1. CAUSAS DE PLACER Y SUFRIMIENTO

Las causas de placer y sufrimiento comúnmente se dan por aspectos que son congénitos al trabajo, es decir internos al mismo, pero también se pueden dar por aspectos exteriores del trabajo; de acuerdo con lo anterior, se presentarán las causas principales del placer y sufrimiento en el trabajo:

Las principales causas de sufrimiento en el trabajo respecto a factores endógenos de los periodistas son la baja remuneración, la sobrecarga laboral y la desestimación³ en el trabajo, esto se evidencia en varias ocasiones de las conversaciones con los periodistas, pero se observa especialmente en algunos fragmentos de conversaciones. Por ejemplo, cuando el sujeto 3 menciona que *“la falta de estímulos, de incentivos, suele ser un motivo de frustración, incentivos puede ser una simple felicitación o un pago decente”*. Por último, el sujeto 4 exterioriza que *“también me genera sufrimiento el horario porque es mucho trabajo por mucho tiempo y muy poquita remuneración”*.

En el mismo sentido, en el trabajo del periodista se sufre por la necesidad de inmediatez y por el estado de alerta, es decir la intensificación del trabajo, por la necesidad de tener muchas notas en el tiempo más pronto posible, para así poder competir con otros medios en la primicia de la noticia. El sujeto 1 menciona de acuerdo con el anterior señalamiento que *“La inmediatez me genera sufrimiento, hay diferentes tipos de periodismo, el que en este momento yo estoy ejerciendo desde educación y desde la universidad, no es un periodismo que te enfrenta al día a día, del ya, de la chiva, de que esto tiene que ser inmediato y eso da mucha satisfacción en el sentido de que puedes generar artículos de contenido, mientras que en lo otro es más complicado porque cuando tienes que hacer muchas noticias diarias eso genera sufrimiento”*.

Pero, además de la inmediatez, también genera sufrimiento el hecho de conocer sucesos impactantes, como masacres, tragedias, para luego verse complementado con la exigencia de los jefes de tener la noticia lo más pronto posible, el sujeto 2 complementa que *“cuando pasa algo, por ejemplo, una masacre y los jefes preguntan y yo no sabía, en ese momento digo si ya voy a buscar, la fuente no me ha contestado, voy ganando tiempo y la consigo, pero mientras me preguntan y no tengo la respuesta apropiada me causa sufrimiento”*.

En algunos casos, la falta de recursos o el fallo en los mismos generan angustia y sufrimiento, puesto que impiden el correcto cumplimiento de la actividad laboral. Según el sujeto 2 esto se ejemplifica *“cuando voy a un cubrimiento especial y se me descarga el*

³ Es la falta de reconocimiento por el trabajo bien hecho, como también la falta de retroalimentación ante la realización de una actividad. Según Dejours (2009), es una de las causas principales de sufrimiento y abandono del trabajo.

celular, no tengo señal, eso en verdad genera mucho sufrimiento como periodista, no poder sacar la información, que te llamen y se escuche mal la llamada, te den cambio al aire y tú no logres salir, esos aspectos tecnológicos son demasiado angustiantes, cuando tu mandas un audio por WhatsApp así de último minuto por allá en una montaña y no llega”.

También se sufre por el acoso laboral por parte de los jefes, como también la justificación del mobbing⁴ por la pasión por el trabajo; el sujeto 3 apoya el argumento diciendo que *“El maltrato de las grandes figuras del periodismo hacia sus reporteros es comidillo de todos los días y lo que uno teme es que en algún momento llegue un editor y te maltrate psicológicamente por tu trabajo, eso es una fuente de estrés permanente, que se suma pues a todas las fuentes que te había mencionado.”*. Del mismo modo, el sujeto 5 indica que *“infortunadamente en los medios de comunicación se suele pagar mal, pero además se suele defender lo que a mis ojos es explotación laboral bajo el principio de que uno se tiene que adaptar a los abusos de las empresas periodísticas por pasión al periodismo y se asume que el periodista es periodista y ya, tiene que estar dispuesto en cualquier momento a responder, así su jornada laboral haya culminado, son esos factores que yo te diría que generan estrés”*.

Por último, el sujeto 6 agrega que *“El que está haciendo periodismo lo hace porque siente pasión por lo que hace, y yo creo y es a título personal que a veces eso se vuelve una excusa para normalizar cosas como, por ejemplo, que el periodismo es mal pago, que el periodismo absorbe mucho de tu vida personal, que en el periodismo hay una fuerte escuela, sobre todo de medios muy antiguos y de periodistas que son ya también muy mayores la cultura del grito”*.

Así mismo, se presenta el placer en el trabajo, dado por la facilidad que le brinda al periodista su lugar de trabajo, tener tantos recursos a la mano. También, la posibilidad de crear nuevos contenidos que no salen en otros medios y el escribir notas con libertad y sin censura, lo cual genera mucho placer en los periodistas. El sujeto 2 indica que *“me produce placer muchas cosas, por ejemplo, generar contenidos propios, que no son de una rueda de prensa donde sale una noticia que replica todos los medios, sino a través de denuncias ciudadanas o investigaciones o temas que se me ocurren entonces eso marca como la diferencia con los demás medios de comunicación”*, de igual forma el sujeto 1 complementa que *“el espacio físico también es una de las cosas que me genera placer porque trabajar en una universidad es como su mismo nombre lo dice, es un universo, entonces ese espacio está lleno de mundos que me generan placer total”*, más adelante en la entrevista agrega que *“Otro placer es que puedo escribir como yo quiera, sin censura,*

⁴ Es la situación en la que un trabajador o varios trabajadores realizan acciones psicológicamente violentas contra un trabajador de forma sistemática durante un tiempo determinado. Su origen parte de las relaciones de trabajo.

puedo tener una cantidad de espacio sin límite para yo escribir un artículo, hay ocasiones en que el periódico impreso si te dice hay solo este espacio, mira cómo lo acomodas, pero yo soy la que decido cómo es que armo ese artículo”. Del mismo modo, el sujeto 3 asevera que “la oportunidad de escribir, yo era muy libre para escribir con el tono que a mí me gustaba, en el tiempo que a mí me gustaba, el solo hecho de tomar una historia y convertirla en una nota periodística es sumamente placentero”.

Así mismo, sí la desestimación en el trabajo genera sufrimiento, el caso contrario genera placer; es decir, el reconocimiento⁵ por los espectadores, lectores, colegas y jefes produce sentimientos placenteros en los periodistas que los motiva a seguir trabajando y dedicándose a la profesión, pues esto demuestra que se está haciendo un buen trabajo y que además confían en las capacidades y labores hechas por el periodista. El sujeto 2 apoya al decir que *“me siento valorada y reconocida por mis jefes, por mis compañeros de trabajo, les gusta lo que hago, recibo muy buenos comentarios, también por mis amigos, entonces me siento muy bien con lo que hago”*. El sujeto 1 considera que *“hay varios jefes que no tienen que ver directamente con el trabajo periodístico pero que reconocen mucho el trabajo que se hace desde esta área de comunicaciones”*. Del mismo modo, el sujeto 6 apoya la moción al decir que *“mi trabajo va a estar permanentemente bajo el escrutinio público, cuando te reconocen que lo que has hecho les gusta, es completamente placentero”*.

Otra causa de placer en el trabajo periodístico es la posibilidad de aprender de otros, en especial en ciertos contextos informativos en el que se requiere la consulta de expertos en varios temas, así lo informa el sujeto 1 *“por ser un mundo académico, por ser en el área de educación siempre hay gente de distintas partes, de distintos países, áreas, que me están dando su conocimiento y me estoy nutriendo de todo eso que ellos me dan”*. El sujeto 6 complementa al decir que *“el placer de aprender todos los días, yo creo que en ningún otro empleo permite aprender tanto como el periodismo y para algunos es un ejercicio superficial porque no pasa de llamar dos expertos, para unos será muy valioso pero a uno si lo hace crecer, le da criterio, le da análisis, como persona uno siente que puede elevar el nivel de argumentación, que aprende todos los días, el periodista habla de lo que no sabe y tiene que validar y eso de una u otra manera te hace saber”*.

Por último, el sólo hecho de trabajar le genera placer al periodista porque se siente útil, al estar ocupado y trabajando, pues esto desde la Clínica del trabajo significaría que el trabajo tiene funciones psicosociales, como el de darle un significado al sujeto, por eso es considerada una virtud y una de las formas de expresión de los trabajadores. El sujeto 6

⁵ Es la distinción por parte de la sociedad, colegas o jefes respecto a un trabajo o acción bien hecha. El reconocimiento es según Dejours (2009) una de las fuentes de satisfacción personal más importantes con las que cuentan las personas para sentirse a gusto con su trabajo, y por extensión con su vida.

lo hace evidente al mencionar que *“el periodismo hace que los días se te vayan rapidísimo, en el periodismo siempre estás ocupado, nunca hay espacio para perder tiempo, entonces te sientes útil, sientes que el día valió la pena vivirlo porque hiciste un montón de cosas”*.

Respecto a factores exógenos que produzcan sufrimiento, los periodistas han mencionado algunos, como no contar con recursos para buscar fuentes de trabajo. El hecho de crear una nota sobre una tragedia o de historias fatalistas también causa sufrimiento, en tanto se pueden crear identificaciones⁶ conscientes o inconscientes con la noticia, así mismo la exigencia de la sociedad, que incluye su crítica constante de la falta de ética en el periodismo, como también la necesidad de trascendencia social, que en algunos casos no se logra. Así, el sujeto 3 lo evidencia al mencionar que *“el mismo ejercicio de redactar una nota sobre una tragedia puede ser motivo de sufrimiento, uno termina vinculándose tanto con unas historias que los desenlaces fatales terminan siendo difíciles de cubrir para los periodistas, eso es un agente externo. También diría yo que otro de los asuntos que pueden generar sufrimiento en los periodistas es el señalamiento constante de su trabajo como manipulado, como desviado de una ética seria, infortunadamente las sociedades es muy dura con los periodistas y yo les doy muchas veces la razón, pero a veces lo que muchas personas asumen como un periodista vendido es simplemente que no vean sus prejuicios expresados en las notas periodísticas que allí están, entonces cuando un medio de comunicación o un periodista no refleja los criterios que tiene un lector sobre el mundo, asume que el periodista está vendido o que su trabajo fue abiertamente deshonesto con el fin de generar un daño hacia un tercero, eso es muy estresante”*. En el mismo rango de críticas por parte de la sociedad, causa sufrimiento el suceso de cometer errores y darse cuenta luego de la publicación. El sujeto 5 expresa que *“cuando uno comete errores, que yo creo que uno está muy expuesto a eso también en este trabajo por ser algo como público, entonces digamos que uno consulta algo con una persona y esa persona no sé te dio una cifra mal o uno mismo se equivoca escribiéndola y ya la pública y ya no hay nada qué hacer, cuando está publicado es como que hay que tener mucha tolerancia al error y uno como que lo va aprendiendo con la práctica pero es difícil, sobretodo pues eso como si la personalidad de uno no está como muy relacionada con esa tolerancia al sufrimiento”*.

Por otro lado, se observa en el periodista que el exceso de trabajo conlleva a un mayor cansancio, por lo tanto, el trabajador se ve impedido a realizar actividades personales o de ocio, provocándole sufrimiento al no poder separar lo laboral de lo personal. El sujeto 4 lo ejemplifica al afirmar que *“a veces descansar es difícil por el trabajo por varias cosas, porque uno siempre está pensando en la edición, en la noticia,*

⁶ La identificación según Freud (1933) es un mecanismo psicológico por el cual se adquiere uno o varios rasgos de otra persona.

yo estoy en un lugar y siempre digo, hay esto es tema, todo el tiempo estoy trabajando así no quiera, eso por un lado, digamos que a veces uno sale demasiado cansado en las noches y a mí me gustaría como estar más como en el gimnasio y eso pero no puedo, es irme a mi casa a descansar del día o ir a hacer ejercicio, entonces a veces me cuesta un poquito esa decisión”

Se observa otro sufrimiento causado por la necesidad de adaptación⁷ aloplástica, en tanto los periodistas deben realizar un cambio en su trabajo (entorno) para poder permanecer en el mismo. La necesidad de adaptación se origina por los cambios, afectaciones y desafíos derivados de la cuarta revolución industrial, como la aparición de las redes sociales en el periodismo. El sujeto 2 ante eso dice que *“no es lo mismo lo que yo aprendí en la universidad hace 7 años a lo que nos está exigiendo el mercado, sobre todo en redes sociales entonces creo que ese es un reto que tenemos que asumir y que me genera angustia tanto por las generaciones que vienen cómo vamos a afrontar nosotros mismos periodismo del futuro para no quedarnos pues como varados”*.

En relación con el placer por factores externos al trabajo se presentan los espacios que generan los gobernantes de la ciudad, los gremios y organizaciones diferentes a las del periodismo, ya que estos invitan a eventos especiales a los periodistas como almuerzos, regalos de amor de amistad, día del periodista, etc. El sujeto 2 asegura que: *“los espacios que genera los gremios económicos, las autoridades de Medellín, de Antioquia y algunas instituciones para los periodistas que es diferente a las ruedas de prensa, son eventos a veces en la noche, almuerzos, que se hacen en fechas especiales como en diciembre, el día del periodista, en amor y amistad y que permite que nosotros nos salgamos de la rutina, de la tensión del día a día y nos encontremos con los colegas no en una rueda de prensa ni en una tragedia donde todos estamos es alrededor de la noticia buscando el dato, la fuente, sino en un espacio donde hablamos de otras cosas, donde nos atienden, a veces nos exaltan por nuestro trabajo, porque dedicamos muchas horas de nuestro tiempo a esta labor, entonces esos espacios me generan placer”*. Así mismo, genera placer los espacios de ocio fuera de la oficina porque así se puede interactuar con rivales que al mismo tiempo pueden ser compañeros en el gremio del periodismo y en algunos casos compartir experiencias. El sujeto 2 agrega que *“puedo compartir con*

⁷ La adaptación puede presentarse desde una perspectiva biológica y otra psicológica, ante eso Builes, Manrique & Henao (2017), indican que “se presenta en lo biológico mediante un equilibrio entre la asimilación y la acomodación, Esto es, entre las acciones del individuo sobre el medio y los objetos y las acciones de los objetos que modifican al individuo en una relación recíproca; en lo psicológico se agrega la capacidad de los sujetos de modificar sus propios esquemas y de modificar el medio mediante acciones tales como la creación de conceptos, de tradiciones culturales, etc.” (Builes, Manrique & Henao, 2017., p. 2). Existen dos formas de adaptación según Hartmann (1987), una autoplástica que consiste en aquellas modificaciones que el individuo realiza en su propia vida; otra aloplástica que consiste en aquellas modificaciones que el individuo realiza activamente en su entorno.

mis colegas que los veo como compañeros más que como rivales, porque hoy estamos en medios diferentes y mañana podemos estar en el mismo medio de comunicación”.

Por último, genera placer sentir que se construye democracia con el periodismo, es decir, la trascendencia social que se obtiene al colaborar en el empoderamiento de las comunidades. El sujeto 3 lo demuestra al informar que *“el periodismo es la herramienta con la cual la gente obtiene mejor información y gracias a esa mejor información toma mejores decisiones; yo no sé hasta qué punto eso sea cierto, últimamente me lo he venido cuestionando con mucha intensidad, pero lo que sí te puedo decir es que el que uno vea que las comunidades se empoderen y que gracias al trabajo de uno logran resolver sus problemas y logran tener una conversación directa con las autoridades y, no ocurriría, si no hubiera la mediación del periodismo es muy satisfactorio, muy muy placentero”.* Y el sujeto 5 complementa indicando que *“placer vendría siendo cuando siento que les puedo prestar un servicio a las personas, que siento que eso es como el fin de ese oficio, bien sea porque la publicación que hice generó como alguna solución o porque le informo sobre un tema que necesitaba saber o que tal vez no conocí pero que es importante que supiera”.*

3.2. VIVENCIAS DE PLACER Y SUFRIMIENTO

Teniendo en cuenta lo comunicado por los participantes de las entrevistas semiestructuradas se hacen explícitas algunas vivencias de placer y sufrimiento en el trabajo ligadas a las condiciones del trabajo y a las relaciones de trabajo.

Respecto a aquellas vivencias procedentes de las condiciones de trabajo se hace alusión al sufrir debido a un lugar de trabajo inseguro o con situaciones externas que lo puedan afectar, como las protestas pacíficas o violentas que se puedan generar en los alrededores del lugar de trabajo, conllevando a que el periodista deba trabajar desde su hogar o en otro lugar, pero, también por las afectaciones a la salud que puede generar estas situaciones externas. El sujeto 1 menciona que en su lugar de trabajo *“cuando se prende la universidad, eso genera sufrimiento para el periodista porque entonces te toca salir de tu lugar de trabajo, porque ya no puedes seguir haciendo las cosas que tenías programadas para el día, entonces te toca irte a trabajar a otro lugar o desde tu casa. Además, todo lo que eso conlleva, son los gases lacrimógenos y a los dos o tres días en la universidad todavía los gases se sienten y eso es dañino para la salud”.*

Igualmente, se genera sufrimiento cuando no se tiene contexto de alguna información, mucho más cuando la sociedad parece exigirle al periodista saberlo todo. El sujeto 2 afirma que *“cuando no tengo el contexto de alguna información, erróneamente se cree que los periodistas los sabemos todo o que lo tenemos que saber todo y no es*

así, nos toca escribir noticias de economía, de política, de ecología, de deportes, de orden público y, por mucho que uno se documente, hay temas en los que uno se siente corchado y tiene que recurrir a un experto o leer más y a veces el tiempo no te permite hacerlo, entonces eso me genera a mí un poco de sufrimiento”.

En las condiciones de trabajo, también se hace explícita ese sufrimiento por las extenuantes horas de trabajo, el abuso de los medios en los que trabajan o el no ser atendidos por aquellos sujetos que necesitan para su trabajo e incluso en pocas palabras como menciona la sujeto 4 por no tener todo bajo control en su trabajo, pues indica que *“que no me contesten o me dejen en visto o que a última hora se quiten de la entrevista, no tener todo bajo control me genera estrés”.* Del mismo modo el sujeto 3 apoya la premisa indicando que *“durante la tragedia en la mina de la cancha donde fallecieron 12 personas en Amagá. El cubrimiento fue muy extenuante, era viajar todos los días a Amagá desde las 4 de la mañana, estar durante el noticiero, hacer notas que no fueron emitidas al aire y luego devolverse a Medellín. Trabajar de una manera tan intensa, solo es sumamente agotador, no se justifica y de alguna manera se entiende por qué ese tipo de trabajo lo hacen periodistas jóvenes, porque son los que están necesitados de experiencia, porque son los que no tienen otra oportunidad, son los que tienen también la energía y no tienen los compromisos que puede tener una persona casada y con hijos para hacer ese mismo trabajo, en últimas los medios de comunicación abusan de esas condiciones, incluso de los jóvenes para imponer la ley del más fuerte, como yo soy el que estoy pagando y hay tantos otros jóvenes de ustedes que están dispuestos a trabajar por esta plata o incluso menos, entonces, usted trabaje y quédese callado y esos fueron los momentos en los que yo dije: esto no está bien”*

Así mismo, se genera sufrimiento por el estado de alerta, que incluye la necesidad de estar pendiente de cualquier noticia del país y los contactos del jefe fuera del trabajo responsabilizando al sujeto de actividades laborales fuera de su horario de trabajo, en el que este último se excusa indicando que el periodista debe estar dispuesto por su pasión por la profesión periodista. Además, también sufren por el exceso de trabajo que se presenta y por la poca denuncia del maltrato laboral en el periodismo, ya que se juzga a aquellos que lo hacen por blandos y mediocres. El sujeto 6 lo evidencia al aseverar que *“hay lugares donde el maltrato está muy normalizado. Hay un medio de comunicación donde muchos de los que trabajamos aquí trabajamos antes, con el talante de que el editor se enojó con algún periodista, cogió el computador y se lo tiró por la ventana o cosas como que entregas el texto, el editor lo lee y te dice esto no sirve o te insulta. Cada vez que sale en el ambiente periodístico denuncias por maltrato laboral entonces dicen: a usted no le gusta*

que le exijan, usted es mediocre, usted es blandengue, no tiene el talante, el periodismo es para gente fuerte, entonces se termina normalizando ese tipo de cosas.” Más adelante el mismo sujeto menciona que: “no disfruto el permanente estado de alerta aunque trabajar en periodismo implica un permanente estado de alerta, no puedes estar desconectado nunca, es difícil por ejemplo tomar la decisión de apagar un celular un domingo, porque siempre está pasando algo, incluso muchas veces ha pasado que ocurren cosas en el país el día de descanso y el jefe ve que es de tu tema y aunque estés de descanso te dice que por qué no alertaste que eso estaba pasando. Ah es que estaba en descanso, no, es que es la pasión por el periodismo”

Pero, también en las condiciones de trabajo se encuentran momentos de placer, que los sujetos vivencian al aprender de otras áreas de trabajo con las que el periodista en algún momento debe cooperar dentro de la organización, como los editores del medio, e incluso también genera placer sentir que los roles de cada uno de los trabajadores se encuentran satisfactoriamente asignados. El sujeto 5 dice que: *“siento que el hecho de que estén todas las tareas o los roles como bien definidos es una tranquilidad porque yo sé que no pasa en muchos los trabajos, entonces yo sé que yo tengo tantas notas para tal día y tengo, pues como el estándar de cuántas fuentes o ya lo que uno va aprendiendo pues como desde la experiencia, eso es muy importante”*. De igual forma, el sujeto 1 indica que *“El grupo de trabajo también es placentero trabajar con ellos, todos están inmersos en esa misma área de las comunicaciones, uno termina por impregnarse de todo eso. Actualmente, en muchas empresas una sola persona ejerce todos esos cargos que nosotros en la unidad sí tenemos de manera independiente, ese también es uno de los placeres porque yo puedo hacer periodismo sin tenerme que preocupar de las otras áreas”*.

Respecto a las condiciones de trabajo, también sienten placer los periodistas cuando pueden conocer la historia y noticias en el lugar, ver, escuchar y sentir lo que está pasando en eventos importantes y no esperar a que otro se lo cuente, de igual forma el hecho de pertenecer a una organización grande, con renombre porque así se le facilita conseguir fuentes para su trabajo y poder ir a estos sitios de la historia porque ya se tienen los recursos económicos y fotográficos para viajar o cubrir la noticia. El sujeto 3 indica que *“yo podría identificar que el solo hecho de uno contar con el nombre de una marca, en su momento para buscar información, hacía mucho más fluido el proceso. El hecho de contar vos con un nombre grande que te respalde, pues facilita el contacto de algunas fuentes y hace que estés más tranquilo con tu trabajo”*. Y el sujeto 2 puede complementar esta información mostrando que *“placer es poder conocer la historia en el lugar, ver, escuchar y sentir lo que está pasando en eventos importantes”*.

Ahora, en afinidad a las vivencias originarias de las relaciones de trabajo, respecto al sufrimiento se menciona que la reestructuración del día de trabajo genera angustia. El sujeto 1 lo señala al decir que *“cuando tienes una entrevista programada y te llaman y te dicen que no se puede porque se les presentó otra cosa de último momento, entonces esos compromisos adquiridos con anterioridad de un momento a otro se derrumban, entonces te toca llegar y reorganizar todo lo que tenías, pues porque no vas a perder el día”*.

Se produce también sufrimiento por la estigmatización realizada desde otras ciudades, en las que creen que los periodistas paisas no trabajan de la manera adecuada para lo que exige la profesión, entonces se crea un tipo de paternalismo, en el que siempre desde Bogotá, se debe ayudar a los periodistas de Medellín, conllevando a que se pierda el vigor en la actividad. Eso lo indica el sujeto 3 *“Ahora las relaciones sociales, interpreto también interpersonales con otras figuras dentro de la cadena era muy hostiles porque había un aire paternalista en las instrucciones que se nos daban desde Bogotá; se asumía que nosotros no sabíamos hacer periodismo o desde otro punto de vista se hablaba como si Medellín fuera una suerte de ciudad de dos cuadras”*.

Se presenta sufrimiento por la competencia que se genera entre compañeros e incluso entre algunos medios. Del mismo modo, por la falta de compromiso de los compañeros de trabajos e incluso el hecho de ser juzgado por los errores comunes de las publicaciones, que pueden ocurrir por la dificultad de conseguir información o porque el humano simplemente se equivoca en su naturaleza. El sujeto 5 lo ejemplifica al decir que *“con los lectores ya como tal hay personas que, por ejemplo, con los errores no creen como que uno es un ser humano, por ejemplo, y se puede equivocar entonces a veces se toman muy mal eso y llaman y lo insultan a uno sin saber realmente qué fue lo que pasó”*. Del mismo modo, el sujeto 6 apoya la premisa diciendo que *“uno se encuentra con respuestas como: es que tengo que competir por salir domingo porque es mi nombre el que va a salir, tiene que volverse una competencia incluso con tus compañeros. Pero, aunque hay una especie de competencia con los compañeros la competencia real es con los otros medios”*.

Ahora bien, respecto al placer obtenido de las relaciones de trabajo hay ciertos medios y compañeros que no presentan competencias, sino que, por el contrario, existe cooperativismo, así lo vivencia el sujeto 1 *“es placentero trabajar con tú grupo de trabajo, todos están inmersos en esa misma área de las comunicaciones, uno termina por impregnarse de todo eso. Actualmente, en muchas empresas una sola persona ejerce todos esos cargos que nosotros en la unidad si tenemos de manera independiente, ese también es uno de los placeres porque yo puedo hacer periodismo sin tenerme que preocupar de las otras áreas”*. También sienten placer cuando los altos cargos de las organizaciones

o los compañeros les dan reconocimiento, causa común de placer en diversos trabajos según la psicodinámica del trabajo, el sujeto 1 menciona que: *“mi jefe directo es el editor, yo tengo un contrato que es con otra dependencia y está a la vez está bajo el mando de una decanatura y está bajo el mando de la Universidad. Digamos que hay varios jefes que no tienen que ver directamente con el trabajo periodístico pero que reconocen mucho el trabajo que se hace desde esta área de comunicaciones.”*

Ese reconocimiento además de placentero, en el caso del trabajo del periodista se convierte en algo momentáneo, en tanto cada día hay publicaciones diferentes y como hoy por la columna o noticia el periodista puede ser reconocido, al otro día puede ser odiado o insultado, esto se evidencia cuando el sujeto 6 menciona que *“hay algo muy particular en el periodismo y es que mal que bien el reconocimiento público te produce placer, estás haciendo un trabajo que no tiene la misma trascendencia del trabajo de un oficinista que puede quedarse en un informe privado que solo lo va a conocer su jefe, si no que tu trabajo va a estar permanentemente bajo el escrutinio público, cuando te reconocen que lo que has hecho les gusta, es completamente placentero, incluso encontrarse en la calle con gente que te dice que te ha leído, eso es muy chévere pero es lamentable porque es un placer muy efímero porque en el periodismo siempre hay una página en blanco que escribir, entonces lo que yo hice hoy valió hoy y mañana envuelvan aguacates con eso, es un placer de hoy y mañana puedo escribir mal y voy a ser identificado por eso último. Ese primer placer que a pesar de ser efímero es muy bello y es el del reconocimiento”.*

Otras causas de placer se generan al poder transmitir la información, al poder contar a sus allegados como familiares y amigos que se ha compartido con personas reconocidas, como jugadores profesionales de fútbol, reconocidos por el nobel de paz e incluso el papa de la iglesia católica. Como también, se genera placer por el mero hecho de relacionarse, conocer compartir, conversar y estar frente a nuevas personas de las cuales se puede generar una curva de aprendizaje. El sujeto 2 lo hace evidente al mencionar que *“placer es poder conocer la historia en el lugar, ver, escuchar y sentir lo que está pasando en eventos importantes y no esperar a que otro me lo cuente, se me viene a la mente la visita del Papa, fue un cubrimiento en el que yo estuve ahí y aparte de generarme el placer de transmitirlo a la gente me queda como experiencia para contarlo a mis hijos, a mis padres, a mis amigos, entonces me forma también como persona y esa experiencia me la permite el periodismo, es como la plataforma para poder tener ese placer”.* Del mismo modo y ante la misma idea el sujeto 6 afirma que *“poder estar frente a frente con personajes públicos, de trascendencia, entrevisté 4 Nóbel de paz, ese intercambio, sentir que estás frente a gente que ha hecho mucho por el mundo, a veces uno se siente pequeñito ante semejantes*

personajes, pero ese poder compartir, poder conversar, dedicar unos minutos a hablar de algo es un gran privilegio que produce un gran placer”.

Por último, sienten placer al ver el sentido de pertenencia que tienen las personas con la organización donde trabajan, esto incluye el tener compañeros colaborativos, este hecho es parecido al cooperativismo, pero con la diferencia de que también se tiene en cuenta los sujetos externos con los que se trabajan, es decir los entrevistados por parte de los periodistas o incluso los lectores. El sujeto 5 informa que *“como nosotros cubrimos un sector, yo por ejemplo cubro Envigado, consulto las mismas fuentes varias veces entonces uno crea ahí relaciones de confianza con algunos vecinos y ellos ya saben que cuentan con uno, como para que cada que tengan un inconveniente o una buena historia para el periódico lo llaman a uno y uno cuando los necesita pues también sabe que cuenta con ellos entonces eso es bacano.”*

3.3. SÍNTOMAS DE PLACER Y SUFRIMIENTO

Los síntomas evidenciados fueron psicológicos y físicos. Respecto a los síntomas psicológicos provenientes del sufrimiento se encuentran la ansiedad y el estrés que ocurre cuando no se puede tener bajo control ciertas labores del trabajo, como el hecho de no tener suficiente información para una nota periodística. Así lo hace saber el sujeto 6 cuando menciona que *“la afectación más visible es soñar con trabajo y para mí eso es una muestra de que hay un estrés permanente, de que el cerebro no está tranquilo, no suelta, en la noche no se desconecta.”* También el sujeto 5 lo evidencia al indicar que le *“genera mucha ansiedad no poder controlar y que mi trabajo dependa del tiempo de otra persona, que otra persona me conteste, que otra persona me ayude, entonces digamos que ansiedad y estrés”.*

Otros síntomas psicológicos presentados son de decepción e impotencia en cuanto no se logra conseguir suficiente información de los personajes que cumplen el rol de entrevistados para una nota periodística, así lo hace saber el sujeto 1 al mencionar: *“cuando hago una entrevista y no obtengo la respuesta clara, directa y precisa de lo que quiero saber, eso me afecta y genera un poco de sufrimiento en el momento que estoy haciendo la entrevista y no estoy obteniendo lo que quiero, en ocasiones con el personaje me genera decepción. Y a veces me genera impotencia porque me cuestiono sobre si en verdad no me estoy dando a entender claramente”.*

Por otro lado, se presentan uso de la incapacidad en el trabajo en contra del vigor, este sólo se presentó en el sujeto 3 y lo deja en claro cuando indica que *“yo me levantaba tan cansado, tan aburrido que, yo sé que suena muy loco, pero yo pensaba, pucha, este*

carro por qué no se estrellará para que me incapaciten, así tal cual, yo no quería ir a trabajar, yo no quería estar ahí en ese micrófono, pensando si me había levantado de buenas o malas pulgas, si la iba a embarrar y qué iba a pasar si la embarraba”.

Otro síntoma de sufrimiento es el de la culpa, por sentir que no se realiza el trabajo satisfactoriamente. El sujeto 6 revela que *“tal vez hay cierto grado de culpa porque uno piensa que puede estar haciendo algo como investigar, pero finalmente uno dice: qué va”*

Respecto a los síntomas psicológicos provenientes del placer se presenta la satisfacción por el hecho de lograr ser periodista y ejercerlo, esto puede aludir al vigor en la actividad, pues así lo presenta el sujeto 2 que indica que *“yo me siento satisfecha profesionalmente, muy contenta con lo que hago porque es lo que soñé desde que tenía 14 años. Las funciones que cumplo acá son las que siempre quise desempeñar desde que estaba en la universidad, el trabajo de la reportería, de la página, salir al aire, mi trabajo les genera mucho orgullo a mis padres, mis hermanos y eso para mí es muy importante”.*

Sin embargo, también se presentan síntomas físicos resultantes del sufrimiento en el trabajo. Estos síntomas se ven evidenciados cuando se presentan dolores en varias partes del cuerpo, por ejemplo: la cabeza, los ojos y el estómago. Los sujetos mencionan que pueden provenir del estrés o del cansancio, del mismo modo, por el uso recurrente de aparatos tecnológicos. Lo anterior se comprueba cuando el sujeto 1 revela que *“hay días que son agotadores, llegas a tu casa a buscar una pastilla para el dolor de cabeza, por qué, no sé, yo no tengo una respuesta muy clara al por qué se me genera el dolor de cabeza, me imagino que es por el cansancio”.* Respecto al dolor de ojos el sujeto 4 lo deja en claro al decir que *“a mi normalmente me duele es como los ojos por el cansancio, como de los miércoles que casi no me despego de la pantalla”.*

Del mismo modo, otros sujetos presentan síntomas físicos como sufrir del colón, esto puede ser adquirido del estrés que causa los días en los que hay que entregar las notas periodísticas e incluso por los cambiantes horarios de trabajo. Así lo muestra el sujeto 5 *“yo hace aproximadamente unos dos años empecé a sufrir del colon y eso como que se me empeoraba casi siempre cuando estaba en cierre que son los días más estresantes entonces me dolía mucho el estómago y era muy maluco las sensaciones”.*

Por último, en algunos sujetos se presentan síntomas psicológicos que afectan lo físico como lo pueden ser los desórdenes alimenticios y los desórdenes del sueño derivados de no tener un horario fijo, del poco descanso e incluso de la ansiedad. Así lo hace saber el sujeto 3 que indica que se alteran: *“los horarios de comidas, los horarios de sueño, tu vida, tu agenda biológica y es algo que varía constantemente por los turnos que te asignan”.*

En síntesis, existen síntomas provenientes del placer y sufrimiento en el trabajo que deben ser intervenidas por expertos de la salud mental, en especial desde las clínicas del trabajo. En la actualidad, se tiene como alternativa la presentación de investigaciones realizadas a las organizaciones para que comiencen a actuar frente estas problemáticas, pero al depender de la respuesta de la organización, se hace importante iniciar un pensamiento más crítico y reflexivo de las formas de intervención y prevención de los diversos síntomas y trastornos de la salud mental de los trabajadores.

3.4. ESTRATEGIAS DE DEFENSA

Frente al sufrimiento los trabajadores utilizan algunas estrategias de defensa para poder sobrellevar la carga y evitar el sufrimiento en el trabajo. Estas estrategias se pueden presentar individual o colectivamente.

Respecto a las estrategias utilizadas de manera individual se presentan en los periodistas la verbalización⁸, presentada en la conversación con amigos diferentes a los compañeros de trabajo sobre las dificultades que se ha tenido al laborar, por ejemplo, el sujeto 5 considera que *“lo que más hago es hablar, conversar con mi novio, por ejemplo, le cuento mis angustias y sí, uno se calma un poquito y bueno con mis amigos, con la gente que entiende uno por qué se estresa. Hablarlo me sirve mucho”*.

Otra estrategia es la participación continua de diferentes actividades extralaborales que no dejan de lado el periodismo, como lo pueden ser los festivales. El sujeto 1 ante eso menciona que *“Participo de diferentes actividades que tengan que ver también con periodismo, por ejemplo, el Festival de Gabo que se hace en octubre y hay veces que hay mucho que hacer, pero trato de sacar ese espacio porque de alguna manera eso me alimenta mucho, entonces algún sufrimiento que haya tenido acá, voy allá, escucho algún conferencista y ya, chao sufrimiento, desapareciste, te olvidé”*.

Estrategias distintas a las mencionadas con anterioridad son leer, ir a la biblioteca, tomar café, ducharse antes de dormir, escuchar música, como también salir a comer o conversar con la familia. El sujeto 2 lo ejemplifica al mencionar que *“me gusta leer mucho, voy a la biblioteca, presto libros y es algo que trato de hacer todos los días, tomándome un café, en la mecedora, acostada, también me gusta mucho darme un duchazo de agua caliente antes de dormir, poner el celular e ir escuchando música, eso me parece súper relajante, eso hace que me acueste como limpia, dejando atrás todo lo que pasó en el día y relajarme y dormirme y salir a comer con mi familia los fines de semana o con amigos, sentarme en un restaurante, conversar, esas son como las estrategias mías”*.

⁸ Según la RAE (2001), verbalizar es expresar una idea o un sentimiento por medio de palabras. Para Tizio (1990), cumple la función de expresar lo simbolizado, como también de resignificar o comunicar vivencias.

También se utiliza como estrategias de defensa individuales algunas actividades de aprendizaje, como aprender a cocinar, a tocar guitarra, bailar. El hecho de montar bicicleta o salir con la pareja es una forma de reducir el sufrimiento proveniente del trabajo, según el sujeto 3 que menciona que *“yo lo que hice durante los últimos tres años fue montar bicicleta, aprender a cocinar, intentar aprender a tocar guitarra, intentar aprender a bailar, salir con mi pareja, todas esas estrategias eran pensadas un poco para tratar de liberarme del estrés del trabajo, esas eran mis estrategias y siento que en el caso de Gente en El Colombiano me funcionó”*.

Uno de los sujetos utiliza psicofármacos automedicados como pastillas para reducir la ansiedad y el estrés que genera el trabajo, y realizar actividades como tejer. Explícitamente el sujeto 4 indica que *“trato de serenarme, tomo pastillas para la ansiedad, trato de relajarme, por un tiempo tejí, y trato de calmarme”*. Respecto a la automedicación con psicofármacos menciona Chomiciute (s.f.) que *“tienen un efecto depresor sobre el sistema nervioso central con una acción de sedación. El efecto depresor conlleva a la disminución de la activación del cerebro, es decir, lo ralentiza”* (parr. 10), además, puede desencadenar trastornos mentales e incluso pueden disminuir el nivel de consciencia, que puede conllevar a la muerte, lo que lo convierte en una acción peligrosa.

El hecho de meditar, de momentos de reflexión propia del sujeto también ha sido utilizado como estrategia de defensa. Ese hecho lo evidencia el sujeto 5 al decir que *“este año, por ejemplo, intenté meditar y me fue lo más de bien, pues me gustó mucho y lo dejé un poquito como por tiempo y pereza, no sé, pero lo hacía como 10 minutos con una aplicación y me pareció una estrategia súper bueno, también esos diálogos mentales que hace uno mismo”*

Por último, algunos sujetos evitan ver noticieros para alejarse del trabajo por algunos momentos, así se demuestra con lo dicho por el sujeto 3 que cuenta que *“cuando salí de RCN me pasé unos 4 meses sin ver noticieros, era una experiencia traumática, era físicamente agotador ver un noticiero y sentir cómo se iba tensando los músculos”*. También evitar el uso del celular por medio de otras actividades, esto con el fin de evitar visualizar noticieros que puedan hacer que el sujeto trabaje indeseadamente por ese sentimiento de culpa que se pueda generar, pues así lo indica el sujeto 6 al aludir que *“es una lucha con uno mismo, pero el fin de semana uno trata de olvidarse de todo y siempre va a estar la tentación del celular y siempre va a estar la tentación de que el jefe te escribió, pero yo le dedico el fin de semana a otras cosas, veo clases de francés, salgo de rumba, tal vez hay cierto grado de culpa porque uno piensa que puede estar haciendo algo como investigar, pero finalmente uno dice: qué va”*.

Respecto a las estrategias de defensa colectivas, utilizan las salidas con los grupos de trabajo a diversos lugares de la ciudad, en el que conocen lugares, comen y salen de la rutina laboral, en esos lugares hablan de todo, menos del trabajo. La anterior premisa se evidencia cuando el sujeto 1 indica que *“generalmente con el grupo de trabajo salimos a restaurantes, una de las cosas que nos gusta hacer es conocer restaurantes, vamos a conocer, a comer y a salir de la rutina laboral y eso de alguna forma ha fortalecido mucho el grupo”*. Del mismo modo, se crean grupos de conversación con el fin de quejarse de las formas de trabajo de la organización, así lo sugiere el sujeto 6 al decir que *“las condiciones para trabajar eran muy precarias, no había ningún esfuerzo porque el clima laboral fuera positivo, entonces allí se creaban núcleos de amigos periodistas. Yo tenía mi propio grupo de compañeros que nos reuníamos con cierta frecuencia a rajear del periódico y de los demás y a quejarse y a decir que estábamos mamados; mi esposo me decía cuándo es la sesión de tu grupo de apoyo, de tu grupo de terapia, y prácticamente sí, no había otro tema, ni de cómo estaba el clima, ni de que queríamos ir a la fiesta del libro, ni de la familia de nadie, era quejarnos, tener el espacio de quejarse”*. Por otro lado, se utilizan juegos de azar, chistes dentro del trabajo o en los horarios de descanso para reducir la carga de trabajo, ya que el sujeto 4 expone que se defienden: *“riéndonos, haciendo chistes todo el día, apoyándonos, conversando, escuchándonos, jugamos UNO a la hora del almuerzo y eso nos relaja”*.

Por último, algunas organizaciones colaboran brindando estrategias de defensa, estas son aprovechadas por los periodistas, suelen ser comúnmente reuniones con profesionales de la salud mental, pausas activas e incluso actividades con instructores. Se demuestra cuando el sujeto 2 menciona que *“en la empresa tenemos varias estrategias, pausas activas, hay instructores que pasan por las oficinas invitándonos a que realicemos algunos ejercicios, también hacemos juegos durante algunos minutos y eso nos ayuda un poco a salirnos de la rutina, tenemos charlas de manejo del estrés con psicólogos, los hacen cada ocho días, cada quince días, nos reúnen, nos dan tips, nos hacen diagnósticos para que sepamos cómo estamos de estrés”*.

En síntesis, las estrategias de defensa utilizadas en el periodismo son una combinación entre el colegaje, que incluye la cooperatividad y la amistad e incluso la colaboración de algunas organizaciones con el fin de mejorar las condiciones de los trabajadores, siendo más flexibles y brindando profesionales de la salud mental que colaboren en prácticas que reduzcan el sufrimiento y que puedan aumentar el placer en el trabajo. Aun así, cabe resaltar que esto se ve en pocos medios de la ciudad, pero demuestra que las condiciones de trabajo mejoran con el pasar del tiempo.

4. CONCLUSIONES

Esta investigación estudió las experiencias de placer y sufrimiento en el trabajo de los periodistas de la ciudad de Medellín, en el que se identificó las causas, vivencias y síntomas del placer y sufrimiento, así mismo las estrategias de defensas utilizadas para reducir el sufrimiento. Las causas de placer y sufrimiento se pueden dar por factores externos e internos al trabajo, dichas causas incluyen experiencias, síntomas y en el caso del sufrimiento en el trabajo se utilizan estrategias de defensa, para evitar ciertas patologías. De acuerdo con lo anterior, se presentarán el panorama del placer y sufrimiento en el trabajo del periodista que permitirán responder a los propósitos de la presente investigación.

Respecto a las causas de sufrimiento endógenos de los periodistas se presentan la baja remuneración, la sobrecarga laboral, la inmediatez y la desestimación. Esto también lo encontraron Gonçalves, Sueli de Carvalho, Souza, Nogueirall (2015) y Resque, Pires de Pires (2015), en sus investigaciones, pues mencionan que se genera sufrimiento cuando existe mala remuneración en el trabajo, sin importar que exista pasión por el trabajo o actitudes predominantes de placer. Como también Giongo, Monteiro, Sobrosa (2017), evidencian el reconocimiento es una de las principales causas de placer en el trabajo, y su devaluación de sufrimiento. Aún, así internamente en el trabajo también se presenta placer, proveniente en el caso de los periodistas de un buen lugar de trabajo o en su efecto una organización de renombre, suficientes recursos para trabajar y la posibilidad de crear sin censura, ante eso Dejours (2009), mencionó que la congruencia entre el lugar de trabajo y los intereses del sujeto pueden ser causa de placer.

Con relación a las causas externas de placer y sufrimiento dicen Guerrero, Cañedo, Salman, Cruz, Pérez, Rodríguez (2006), que actúan correlacionadas con las conductas internas, puesto que el medio actúa sobre el individuo dependiendo de su subjetividad, ya que este no es un ente neutral, sino dinámico, que determina la identidad específica y los intereses de los trabajadores dentro de una organización, por eso la mayoría de los sufrimientos externos del trabajo, son aquellos que van en contra de los intereses extramuros, es decir con el deseo externo al trabajo del sujeto (Morgan, 1996). Los periodistas ante lo mencionado anteriormente sufren por el hecho de tener que vivenciar tragedias y de escribir historias fatalistas, también sufren por la crítica constante de la sociedad y no poder colaborar en algunos casos de la transformación positiva de la sociedad, todo basado desde la subjetividad y de lo que espera publicar cada periodista en sus espacios de trabajo.

Como también los factores externos pueden generar placer, ejemplificado en los periodistas en las actividades de ocio que son patrocinadas por los gobernantes o gremios de la ciudad, como el hecho de compartir experiencias con diferentes personas que no tienen que ver con periodismo, sino que son parte del proceso de trabajo.

Ahora pasando a las vivencias de placer y sufrimiento se ven presentadas de manera específica por las condiciones y relaciones de trabajo, para esto han dicho Dessors y Mollinier (1998), que la psicopatología del trabajo halla continuidad en el sufrimiento psíquico sustentado en la subjetividad y las condiciones que se establecen para llevar a cabo tareas laborales. Pero también, las condiciones de trabajo pueden generar placer como lo puede ser los nuevos aprendizajes adquiridos, como también complementa Dejours (2009), al indicar la evolución de tareas prescritas a lo real del trabajo puede ser mediado por la subjetividad o las normas impuestas por la cultura, como también por las relaciones de trabajo, conllevando a la producción de congruencias o incongruencias en los deseos del sujeto, derivando en sufrimiento o placer en el trabajo.

Los periodistas sufren justamente por no tener condiciones de trabajo adecuadas, como un lugar de trabajo estable o seguro, la falta de descanso y el acoso laboral. Pero, también sienten placer por el aprendizaje que pueden obtener de sus colegas o de las fuentes de trabajo, también por trabajar en una organización conocida a nivel nacional, porque tienen más recursos al ser más leída o vista y les facilita su trabajo. Por último, porque los roles se encuentran bien asignados en la organización, haciendo que cada uno se enfoque en su área y no tenga que reemplazar a un compañero, eso permite que la estructura de la organización funcione y exista cooperatividad.

También, los trabajadores en periodismo sufren por sus relaciones de trabajo, por los hechos de tener que reestructurar el día de trabajo debido a cancelación de entrevistas, la falta de compromiso de algunos de los colegas, por el juzgamiento negativo de la sociedad y los jefes por los errores en las publicaciones y la competencia entre compañeros por salir publicados en los medios. Sin embargo, las relaciones de trabajo también producen placer el reconocimiento y la disposición y compromiso por parte de los colegas y jefes. También, el mero hecho de relacionarse con diversas personas que se encuentran en su trabajo, para así aprender de ellos y transmitir de igual modo conocimiento.

El reconocimiento y la falta del mismo ha sido una de las vivencias de placer y sufrimiento más comunes en los diferentes tipos de trabajo existentes en la actualidad. Por ejemplo, en Giongo, Monteiro, Sobrosa (2017), se evidencia que las vivencias de placer están amparadas en las posibilidades de reconocimiento en el trabajo de porcicultores, y también Tschiedel, Monteiro (2013) y Maximo, Araújo, Zambroni-de-Souza (2014),

muestran que el reconocimiento dado de manera adecuada o inadecuada por los clientes es la causa de placer y sufrimiento en el trabajo en los agentes de seguridad.

Las vivencias de placer y sufrimiento pueden presentarse en síntomas físicos o psíquicos. Según Melo y Orejuela (2014), los síntomas de placer se ven presentes en la autorrealización y también indica Gonçalves, Sueli de Carvalho, Souza, Nogueirall (2015), los profesionales se sienten gratificados respecto de su trabajo, desde que tengan motivación y pasión por él. En los periodistas se ve evidenciado en el hecho de sentir placer por lograr trabajar en lo que han querido desde su infancia produce, también al sentir que con lo que informan a la sociedad, apoyan apoyar en la creación de una cultura democrática, ya que el poder anunciar actos que van en contra de la cultura o de alguna ciudad, apoya en el empoderamiento de las comunidades en la solución de los mismos.

En otro caso, los síntomas de sufrimiento se pueden dar en el ámbito personal, social y laboral porque menciona Dejours (2009), el sujeto no tiene la posibilidad de generar congruencia entre sus intereses⁹ y la organización del trabajo¹⁰. Para Morgan (1996), tener y mantener un equilibrio entre los intereses del sujeto y los objetivos de las organizaciones es difícil, por lo cual se generan tensiones que son el centro de actividades políticas. Los trabajadores buscan constantemente mantener ese equilibrio lo cual termina afectando las decisiones y formas de actuar dentro de un medio. Las tensiones a las que se enfrenta el sujeto por la lucha entre sus intereses hacen que la relación con el trabajo sea política en sí misma por la búsqueda de un orden y sentido. Esto se evidencia en los periodistas con los diversos síntomas psicológicos que presentan al no tener un equilibrio entre los intereses y al no decidir verbalizarlos ante las organizaciones por miedo a ser reemplazados, lo que provoca ansiedad y estrés, causado del cansancio excesivo y la falta de actividades de ocio, como también síntomas físicos ejemplificados en enfermedades permanentes del colón, dolores en diversas partes del cuerpo que pueden ser causados también por el cansancio y el uso permanente de aparatos electrónicos.

En las estrategias de defensa se ha demostrado según Zabala, Guerrero y Besoain (2016) que cada sujeto es capaz de construir algunas con su grupo de trabajo e incluso individualmente, con el fin de defenderse del sufrimiento que conlleva el trabajo en general, en especial aquel que es precarizado y fragmentado; en el caso de los periodistas se utiliza la charla con amigos que no pertenezcan al gremio periodista, para

⁹ En una organización según Morgan (1996) se busca tener un equilibrio entre los tres intereses principales, los cuales son: el interés de función (directamente relacionado con lo que se debe hacer en el momento), el profesional (como se quiere desarrollar su carrera profesional y aspiraciones laborales) y finalmente el estilo de vida o extramuros (que implica el cómo se quiere vivir).

¹⁰ Las organizaciones tienen sistemas políticos que crean una forma específica de gobierno en la organización, determinando un orden y dirección para poder lidiar con los intereses personales que se presentan en una empresa. (Morgan, 1996)

quejarse sobre el trabajo o también para hablar de cualquier tema menos del periodismo. Del mismo modo, los periodistas evitan ver noticieros con el fin de no trabajar más del tiempo establecido por los medios de comunicación en los que trabajan, para así evitar el sufrimiento que causa el sobreexceso de trabajo y el mobbing que algunos jefes realizan.

Del mismo modo, las organizaciones en su reinstitucionalización del trabajo han pasado de modelos mecanicistas a otros que consideren la subjetividad de los individuos, por eso han apoyado en la creación de estrategias de defensa, como ocurre en los periodistas con la facilitación de psicólogos, instructores y momentos de descanso y meditación dentro de los horarios de trabajo, haciendo más flexible el trabajo.

Estas estrategias de defensa mencionadas con anterioridad han colaborado a que el trabajo no sea algo patológico. Como indica Melendez (2017), las estrategias de defensa han apoyado en la regulación de las cargas de energía, provocando disminuciones en la tensión psíquica y evitando cualquier excitación emocional excesiva que pueda conllevar en un trastorno o en un síntoma físico o psíquico.

Para concluir esta investigación se hace importante mencionar las limitaciones encontradas y la utilidad práctica de los hallazgos:

Las principales utilidades de la presente investigación se basan en su orientación a la gestión humana sobre estrategias para el desarrollo del bienestar laboral y la conservación de la salud psíquica en el trabajo de los periodistas, además de que es una forma de la crítica y la denuncia de los efectos nocivos del trabajo precarizado sobre el bienestar de los seres humanos, en tanto trabajadores.

Para finalizar, las limitaciones del estudio fueron los diversos campos ocupacionales que abarcan los periodistas, que puede significar que cada uno de estos tipos puedan sufrir de diferente forma. También, la limitación de la ciudad, ya que podría obtenerse más información sobre el tema tratado como mencionan algunos de los sujetos participantes al indicar que hay ciudades del país en el que el trabajo del periodista se encuentra más precarizado y fragmentado debido a las condiciones de competencia que existen, eso también indica la necesidad de investigar futuramente el tema, pero a nivel nacional.

REFERENCIAS

Alemán, M. F. (2018). Crítica de Jacques Lacan a la noción psicológica de la transferencia. *Revista de Psicología (UNLP)*. 17(1), pp. 28-39.

Antloga, C., Mendes, A. y Maia, M. (2012). Placer y sufrimiento en el trabajo: estudio de caso con empleados en la sección administrativa de una empresa de materiales de construcción en el DF. *Revista Internacional de Psicología Aplicada*. 2 (5).

Banz, C. (2015). Aprender a resolver conflictos de forma colaborativa y autónoma, un objetivo educativo fundamental. *Revista Valores*. (1), pp 1-6.

Beck, F. L. (2010). *A Dinâmica Prazer/Sufrimento Psíquico dos Trabalhadores da Enfermagem de uma Unidade de Emergência de um Hospital Público*. (Tesis de Maestría). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Bermúdez, H. (2013). Sociología clínica y psicodinámica del trabajo en el estudio del placer y el sufrimiento en el trabajo cotidiano. *Revista Latinoamericana de investigación en organizaciones, ambiente y sociedad*. 4 (4). pp 153-180.

Broch, D., Donini Souto, L. H., Lisboa Riquinho, D., & Dal Pai, D. (2018). Lives of Pleasure and Suffering in the Work of the Community Health Agent. *Ciencia, Cuidado e Saude. Ciência, Cuidado e Saúde*. 17(2), 1.

Builes, I.; Manrique, H.; Henao, C. M. (2017). Individuación y adaptación: entre determinaciones y contingencias. *Revista Nómadas*. 51 (2). ISSN: 1578-6730.

Castellanos, N. (2016). *Más allá de la libertad de prensa. Vicisitudes en la profesionalización de los periodistas colombianos*. (Tesis de Doctorado). Universidad Nacional de Colombia.

Chalfin, M., Magro, M.L, & Budde, C. (2011). Entre el placer y el sufrimiento: un estudio acerca de los sentidos del trabajo para profesores universitarios. *Psicología: Teoría e Prática*, (2), 154.

Chomiciute, R. (s.f.). La automedicación con psicofármacos: sus riesgos para la salud. *Psicología y mente*. Recuperado de: <https://bit.ly/33FHFFQ>

Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho*. São Paulo, Brasil: Cortez Editora.

Dejours, C; Abdoucheli, E; Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo, Brasil. Editorial Atlas.

Dejours, C. (2009). *El desgaste mental en el trabajo*. Madrid, España. Editorial Modus Laborandi.

Dejours, C. (2009). *Trabajo y sufrimiento*. Madrid, España. Editorial Modus Laborandi.

Dejours, C. (2010). Contribución de la clínica del trabajo a la teoría del sufrimiento. *Revista Topia*. Traducción recuperada de: <https://bit.ly/2GGSnKk>

De La Hoz, M (s.f.). Periodismo ¿pasión o vocación? ¡Esa es la cuestión!. *Bells Medios*. Recuperado de: <https://bit.ly/2X53yDP>

Dessors, D. & Pierre, M. (1998). *Organización del trabajo y la salud. De la psicopatología a la psicodinámica del trabajo*. Buenos Aires, Argentina: Editorial Lumen.

Durando, E. (2019). *Vivencias de placer y sufrimiento en el trabajo como chef*. (tesis de pregrado). Universidad EAFIT.

Enguix, S (04 de febrero de 2008). Crítica y autocrítica del periodismo. *Periódico La Vanguardia*. Recuperado de: <https://bit.ly/2Gusz6o>

Ferreira, E. M., Fernandes, M. de F. P., Prado, C., Baptista, P. C. P., Freitas, G. F. de, & Bonini, B. B. (2009). Placer y sufrimiento en el trabajo del enfermero docente. *Revista Da Escola de Enfermagem Da USP*, (spe2), 1292.

Franceschi, M. & Souto, L. (2016). Experiencias de placer y sufrimiento en el trabajo de enfermería: una mirada desde la teoría psicodinámica del trabajo. *Alternativas en psicología*. (35). pp 34-52.

- Freud, A. (1961). *El yo y los mecanismos de defensa*. Barcelona, España: Editorial Paidós.
- Freud, S. (1933). Nuevas lecturas de introducción al psicoanálisis. Vol. XXII. Buenos Aires, Argentina: Editorial Amorrortu.
- Gernet, I. & Dejours, C. (2012). *Psicopatología del trabajo*. Buenos Aires, Argentina: Miño y Dávila Editores.
- Giongo, C. R., Monteiro, J. K., & Sobrosa, G. M. R. (2017). Porcinocultor: Vivencias de placer y sufrimiento en el trabajo precario. *Psicología & Sociedade*.
- González S. L. (2006). *El ejercicio del periodismo*. Ciudad de México, México: Editorial Trillas.
- Gonçalves, A. M., Vilela, S. de C., Terra, F. de S., & Nogueira, D. A. (2016). Actitudes y placer/sufrimiento en el trabajo en salud mental. *Revista Brasileira de Enfermagem*, (2), 266.
- Gómez, L (2014). La labor de un periodista. *Revista Quiu*. Recuperado de: <http://quierevista.com/la-labor-de-un-periodista/>
- Guerrero, J.; Cañedo, R.; Salman, E.; Cruz, Y.; Pérez, G.; Rodríguez, H. (2006). Calidad de vida y trabajo: algunas consideraciones útiles para el profesional de la información. *Revista Acimed*. 14, (2) Ciudad de La Habana. pp 1-30.
- Hartmann, H. (1987). La psicología del yo y el problema de la adaptación. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Hernández, R., Fernández, C. & Baptista, P. (2010). Metodología de la investigación. Ciudad de México: Editorial McGraw-Hill.
- Lechuga, P. (24 de enero de 2016). Dos grandes problemas del periodismo actual. *Diario del León*. Recuperado de: <https://bit.ly/2V3aH5I>
- Lopes, D. M. Q., Beck, C. L. C., Prestes, F. C., Weiller, T. H., Colomé, J. S., & Silva, G. M. da. (2012). Agentes Comunitarios de Salud y las experiencias de placer-sufrimiento en el trabajo: estudio cualitativo. *Revista Da Escola de Enfermagem Da USP*, (3), 633.
- Martins, J. T.; Robazzi, M. L. do C. C.; & Bobroff, M. C. C. (2010). Placer e sufrimiento en el trabajo del equipo de enfermería: reflexión bajo la visión de la psicodinámica Dejouriana. *Revista Da Escola de Enfermagem Da USP*. (4), 1107.
- Carazo, P. C. (2006). El método de estudio de caso: estrategia metodológica de la investigación científica. *Revista Pensamiento & Gestión*. (20). pp 165-193.
- Máximo, T. A. C. de O., Araújo, A. J. da S., & Zambroni-de-Souza, P. C. (2014). Experiencias de sufrimiento y placer en el trabajo de gerentes de bancos. *Psicologia, Ciência e Profissão*, (1), 96.
- Magda, M.A.; Gonçalves, L.; Magnolia, A. (2014). Experiencias de placer y sufrimiento en el trabajo de los profesionales de una fundación pública de investigación. *Psicologia Em Revista*, (1), 34.
- Meléndez, A. (2017). *Causas, síntomas y estrategias de defensa del malestar y sufrimiento en altos mandos de la ciudad de Cali*. (Trabajo de grado del pregrado en Psicología). Universidad de San Buenaventura, Facultad de Psicología, Cali.
- Merriam, S.B. (1988) *Case Study Research in Education: A Qualitative Approach*. Jossey-Bass, San Francisco, EEUU.

Morgan, G. (1996). *Imágenes de la Organización*. Editorial Alfaomega, Ciudad de México D.F.

Nascimento, M., & Dellagnelo, E. H. L. (2018). Entre la obligación y el placer de crear: Un análisis psicodinámico del placer-sufrimiento en el trabajo artístico. *Revista Eletrônica de Administração* (Porto Alegre), (2), 135.

Orejuela, J. Melo, A. (2014). Clínica del trabajo: Un estado de la cuestión. En: Orejuela, (2014). *Psicología de las organizaciones y del trabajo: Apuestas de investigación*. Cali: Bonaventuriana. pp 381-410.

Orejuela, J. (2018). *Clínica del trabajo: Malestar derivado de la fragmentación laboral*. Medellín: Fondo Editorial EAFIT.

Pérez, O. (2011). Hitos del periodismo femenino vicisitudes, estilo y victoria del siglo XXI. Congreso Internacional Latina de Comunicación Social.

Rodríguez, C.; Salazar, J (2016). *Periodismo especializado en política y economía en Colombia entre cruces digitales*. Bogotá, Colombia. Universidad Sergio Arboleda.

Real Academia Española. (2001). *Diccionario de la lengua española [Dictionary of the Spanish Language]* (22nd ed.). Madrid, Spain: Author.

Resque Gonçalves, A. S., & Pires de Pires, D. E. (2015). O trabalho de docentes universitários da saúde: situações geradoras de prazer e sofrimento. (Portuguese). *Revista Enfermagem UERJ*. 23(2), 266.

Salazar, A. (11 de octubre 2018). ¡Alerta! Sobreoferta de comunicadores sociales y periodistas. *Periódico Las 2 Orillas*. Recuperado de: <https://bit.ly/2Mp3b62>

Scolari, C., Costa, S. G. da, & Mazzilli, C. (2009). Placer y sufrimiento entre los trabajadores de Call Center. *Psicología USP*, (4), 555.

Sierra, M. (2018). El derecho a la verdad: Por un periodismo ético y social. *Caja de herramientas*. 576 (1).

Segura, N (25 de octubre de 2013). ¿qué es el periodismo?. *Periódico 20 minutos*. Recuperado de: <https://bit.ly/2BGBRbt>

Tizio, H. (1990). *Psicoanálisis y lenguaje. La aportación original de Jacques Lacan*. (tesis de doctorado). Universitat de Barcelona. España.

Tschiedel, R. M., & Monteiro, J. K. (2013). El placer y el sufrimiento en el trabajo de los agentes seguridad de la prisión. *Revista Natal*. (3), 527.

Walker, R (1983). *La realización de estudios de casos en educación. Ética, teoría y procedimientos: Nuevas reflexiones sobre la investigación educativa*. Madrid: Editorial Narcea.

Weare, K. (2000). Promocionando la salud mental, emocional y social: todo un acercamiento intelectual. *RoutledgeFalmer*. (1) p.12.

Zabala, X.; Guerrero, P.; Besoain, C. (2016). *Clínicas del trabajo. Teorías e intervenciones*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado.

SOBRE A ORGANIZADORA

M. Graça Pereira

Professora Associada com Agregação da Escola de Psicologia da Universidade do Minho, Portugal. Especialista em Psicologia Clínica e da Saúde e em Psicoterapia (especialidade avançada) pela Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP).

Responsável pela Consulta de Psicologia da Saúde que engloba a consulta de psicoterapia em saúde e doença e a consulta de intervenção psicológica na cessação tabágica, na Associação de Psicologia (APsi), na Universidade do Minho. Coordenadora do Laboratório de Investigação em Saúde, Bem-Estar e Rendimento e do Grupo de Investigação em Saúde & Família (GISEF) do Centro de Investigação em Psicologia (CIPsi) da Universidade do Minho.

Psicóloga e docente universitária com trajetória consolidada em Psicologia da Saúde, Psicoterapia e Psicologia da Família, integrando investigação aplicada, prática clínica e formação avançada. Coordena equipas e projetos financiados nacional e internacionalmente, com produção científica contínua sobre qualidade de vida, doença crónica, funcionamento familiar, bem-estar e intervenções psicológicas (relaxamento/hipnose, literacia em saúde, adesão terapêutica).

Linhas de Investigação: Psicologia da Saúde; Família e doença; Intervenções psicológicas em condições crónicas (diabetes/úlceras diabéticas, incontinência pós-prostatectomia, oncologia, demência, hemodiálise); Bem-estar, burnout e resiliência em contextos educativos e clínicos; Literacia em saúde e IA; Qualidade de vida e ajustamento conjugal/familiar; Avaliação e validação de instrumentos.

<https://orcid.org/0000-0001-7987-2562>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 61, 69, 186, 187, 188, 194, 195

Adolescência final 186, 188, 195

Aprendizaje 46, 125, 138, 142, 145, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 193

Árbitros 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119

Assessment 41, 165, 173, 182

Autismo 1, 2, 8, 9

B

Burnout 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 123

C

CAPS 10, 11, 12, 13, 15, 16, 20, 21, 22

Cardinality development 165, 166, 169, 170

Ciencia 45, 82, 83, 125, 164

Cognición 151

Concepto de número 151, 152, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 163, 164

Conductas eróticas 69, 72, 77

Confinamiento 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

D

Debut sexual 69

Derecho 1, 2, 3, 6, 9, 65, 67, 77, 92, 93, 94, 103, 119, 150, 186, 189, 191

Derechos 1, 2, 4, 9, 71, 83, 92, 93, 189

Dificultades 6, 47, 99, 118, 121, 126, 127, 141, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 164, 190

Docentes universitários 25, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 150

E

Early childhood 165, 182, 184

Edad de inicio sexual 69, 71

Educación primaria 151, 162, 163, 164

Eficacia 26, 37, 55, 56, 85, 88, 89, 90, 194

Enseñanza universitaria 45

Ensino superior 25, 28, 31, 32, 33, 38, 39, 40, 43

Estrategias de defensa 98, 100, 101, 104, 113, 114, 117, 118, 120, 121, 122, 124, 125, 128, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 149

F

Farmacogenómica 55, 56, 57

G

Gestión de la Diversidad 80, 81, 85, 88, 89, 90, 91, 96

Give-n 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

H

How many 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179

I

Intelectual 1, 2, 9, 45, 150

L

Ley de educación sexualidad integral 186

M

Malestar 49, 62, 65, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 124, 127, 149, 150

Matemática 151, 152, 153, 154, 155, 161, 162, 163, 164

Maternidad 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67

Mujeres trabajadoras 58

P

Pandemia 32, 40, 42, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67

Percepción de enseñanza recibida 186

Periodistas 119, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150

Pesquisadores 25, 27, 29, 30, 31, 36, 38, 41, 42

Placer 70, 71, 77, 78, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141,

143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Políticas Públicas y Normativas legales 81, 91

Prevenção 55, 57, 77, 141

Psicodinâmica del trabajo 98, 105, 120, 123, 124, 138, 148

Psicología Organizacional 80, 81, 82, 85, 86, 96

Psiquiatria infantojuvenil 55, 57

Psychosocial development 10, 22, 23

R

Relación 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 47, 69, 70, 71, 76, 77, 79, 81, 82, 93, 94, 98, 99, 100, 106, 108, 109, 113, 116, 117, 118, 123, 124, 127, 133, 144, 146, 154, 160, 188, 189, 191

Resilience 10, 11, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 43

S

Salud 9, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 70, 71, 72, 73, 77, 78, 79, 85, 86, 87, 94, 95, 96, 117, 122, 124, 134, 141, 143, 147, 148, 149, 150, 188, 189, 194

Salud mental 9, 50, 55, 57, 58, 59, 60, 65, 87, 95, 141, 143, 149, 150

Saúde ocupacional 25, 36

Subitizing 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 179, 181, 183, 185

Sufrimiento 98, 100, 101, 112, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Sumak Kawsay 80, 81, 82, 91, 92, 95

T

Trabajo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 154, 156, 157, 160, 161, 186, 188, 189, 190, 191

Tratamiento 55, 57, 98, 118, 125

U

University students 10, 11, 23

V

Vejez 45, 46, 47, 52, 53, 194

Violencia doméstica 58, 63

W

Well-being 10, 11, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 40, 42, 43, 81



**EDITORIA
ARTEMIS**

2025